

IMAGINÁRIOS DE SALVADOR SOB AS LENTES DA PANDEMIA

IMAGINARIES OF SALVADOR
UNDER THE LENSES OF PANDEMIA

Maiara Bomfim Franco

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Território, Ambiente e Sociedade pela Universidade Católica do Salvador (Salvador/Bahia).
Pesquisadora do grupo Temporalidades Urbanas pela Universidade Católica do Salvador (Salvador/Bahia).
E-mail: maiarabomfim.f@gmail.com

Liliane Vasconcelos

Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (Salvador/Bahia). Professora do Programa de Pós-Graduação em Território, Ambiente e Sociedade e do curso de Letras da Universidade Católica do Salvador (Salvador/Bahia).
E-mail: liliane.vasconcelos@pro.ucsal.br

Recebido em: 23 de fevereiro de 2021

Aprovado em: 2 de abril de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 2 | p. 36-50 | mai./ago. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2443>

RESUMO

Perceber a cidade de Salvador pelas lentes desfocadas de uma crise sanitária sugere releituras e ressignificação sobre como essa cidade tem se revelado, à medida que o distanciamento é evocado como a principal medida protetiva contra o recente perigo invisível. Desse modo, o presente artigo propõe dialogar com narrativas que percorrem o imaginário simbólico da cidade por meio das tendências geradas pela era pandêmica, a fim de investigar os modos como novos olhares têm sido estabelecidos sobre a capital baiana. Nesse aspecto, serão analisadas as crônicas da escritora Lorena Grisi (2020) e o vídeo *Uma Saudade Chamada Salvador* (2020) protagonizado pela artista Larissa Luz. Os métodos utilizados buscarão identificar representações da cidade de Salvador a partir de uma perspectiva multidisciplinar, analisando o imaginário da cidade por meio de imagens e representações presentes no levantamento bibliográfico. Com isso, percebeu-se que a cidade de Salvador tem fomentado mediações introspectivas e saudosas, as festas silenciadas, os encontros adiados, projeções atravessadas pelas imagens de um futuro incerto em brevidades esperadas.

Palavras-chave: Literatura. Cidade. Imaginário. Pandemia.

ABSTRACT

To perceive the city of Salvador through the unfocused lenses of a health crisis, suggests reinterpretations and reframing of how this city has revealed itself, as the distance is evoked as the main protective measure against the recent invisible danger. Thereby, this article proposes to dialogue with narratives that traverse the symbolic imaginary of the city through the trends generated by the pandemic era, in order to investigate the ways in which new views have been established on the capital of Bahia. In this regard, the chronicles of the writer Lorena Grisi (2020) and the video *Uma Saudade Chamada Salvador* (2020), starring the artist Larissa Luz, will be analyzed. The methods used will seek to identify representations of the city of Salvador from a multidisciplinary perspective, analyzing the imaginary of the city through images and representations present in the bibliographic survey. With that, it was noticed that the city of Salvador has fostered introspective and nostalgic mediations, silenced parties, postponed meetings, projections crossed by images of an uncertain future in expected brevities.

Keywords: Literature. City. Imaginary. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

As imagens da cidade são constituídas por seus movimentos e representações que no meio urbano são edificadas. Risério (2015) afirma que a cidade é um artifício humano. Cidade implica gente. O campo pode ser deserto. A cidade, não. Ela significa reunião, aglomeração de pessoas. Implica vida conversável.

A pandemia elencada pelo aparecimento do Sars-CoV-2 (Covid-19) representa um dos maiores desafios sanitários em escala mundial deste século. Na primeira semana do mês de abril, poucos meses depois do início da epidemia na China, em dezembro de 2019, já foram reportados mais de 1,5 milhão de casos e 85 mil mortes no mundo. De acordo com o Ministério da Saúde (2020) no Brasil, até o dia 22 de julho de 2020, foram registrados 2.227.514 casos confirmados e 82.771 mortes pelo Covid-19, fato nunca vivenciado no contexto nacional.

Nesse aspecto, perceber a cidade pelas lentes proporcionadas pelo distanciamento social, medida protetiva adotada pela Organização Mundial da Saúde/OMS (2020), sugere ressignificações sobre como o imaginário coletivo simbólico da cidade tem se revelado em tempos em um simples aperto de mão pode ser fatídico, o que desestrutura todo sentido do viver cotidiano das grandes cidades. O medo do contato com o outro, a presença constante da morte, ditam as regras da realidade atual, levando a cidade a se restringir em si própria.

Com isso, o isolamento constrói uma rede atípica nas dinâmicas das cidades, visto que os centros urbanos são naturalmente locais para os encontros, para as trocas, e para o movimento. Observar as multidões dissipadas e as ausências em desfiles cívicos evoca uma onda de descontinuação no modo como as pessoas têm ocupado o cotidiano citadino.

A nova realidade tem criado hábitos rigorosos de higienização e distanciamentos. Ir ao mercado é o destino mais visitado pela população, nas filas há marcações no chão anunciando a necessidade dos afastamentos. Chegar em suas casas, para muitos, é protagonizar de imediato os rituais de limpeza. Há quem passe horas limpando cada item com álcool, água e sabão; os sapatos devidamente postos ao lado de fora; os banhos longos acompanham os questionamentos se dessa vez ainda foi possível sair ileso e manter-se longe da contaminação.

O cenário contemporâneo sugere olhares para uma Salvador em novas roupagens, é necessário reconstruir as representações cidadinas para encarar a nova realidade. Visto que com a chegada do vírus ao território brasileiro, criou-se uma atmosfera de alerta constante sobre os riscos à saúde pública e a necessidade de manter seriamente um distanciamento social. Com isso, os espaços antes ocupados pelo movimento, agora recebem perspectivas de proibição e inadequação, limitando interações diretas e trânsito intenso de pessoas, principalmente nos grandes centros urbanos, lugares caracterizados.

Carlos Bonfim (2019) aponta que uma cidade não se define apenas pelo seu aspecto topográfico (natural ou edificado), mas também pelo uso e pelas representações que dela fazem os seus habitantes, entender a cidade requer considerar que a vida urbana é uma trama complexa que precisa ser estudada tanto a partir de sua dimensão física, quanto de sua dimensão social, subjetiva. Observar a cidade requer mais do que olhares objetivos, é preciso percorrer as subjetividades elencadas nos imaginários citadinos.

Nessa perspectiva, o presente artigo propõe dialogar com narrativas construídas no cenário pandêmico contemporâneo, a fim de investigar os modos como novos olhares têm sido estabelecidos sobre a capital baiana. Assim, serão analisadas e discutidas crônicas da escritora Lorena Grisi (2020, no prelo) e o vídeo *Saudade de Salvador* (2020) protagonizado pela artista Larissa Luz e dirigido pela Mandinga Filmes.

2 O IMAGINÁRIO DA CIDADE DE SALVADOR NA ERA PANDÊMICA

Armando Silva (2001) aponta que uma cidade se diferencia da outra não apenas por sua capacidade arquitetônica, que ficou para trás após o modernismo unificador em avançada crise, mas pelos símbolos que os seus próprios habitantes constroem para representá-la. E os símbolos mudam as fantasias que uma coletividade elabora para fazer sua a urbanização de uma cidade.

O sujeito social evoca maneiras de transcrever sentidos aos lugares de ocupação, com isso, viver a cidade por meio de uma perspectiva desconhecida, sugere percepções sobre como esses sujeitos se movimentam enquanto articulam representações identitárias como um mecanismo fluído e mutável, se afastando de uma ideia conceitual engessada e promovendo novas articulações demandadas nesses lugares.

Nogueira (1998) imprime em sua narrativa o imaginário da cidade que carrega consigo algo de grandioso, porque é aquilo que ela de fato se tornou que proporciona a magia atrativa da recordação, assim como a possibilidade de conceber as marcas do que não é na alma de seus habitantes. Em todas as épocas, vão imaginar o que seria dela e deles mesmos caso não tivesse se tornado a cidade real. Nessa perspectiva, cada um constrói a sua cidade imaginada, sua cidade ideal, e dentro dela as relações suportam todos os desejos.

As circunstâncias que modificam uma determinada normalidade são capazes de conferir novos sentidos ao imaginário citadino. Com isso, a cidade de Salvador tem experimentado dinâmicas que evocam discontinuidades dentro da esfera contemporânea. Tendo em vista o atual cenário proporcionado pelo aparecimento do vírus Sars-CoV-2 (Covid-19), as instruções governamentais sobre a necessidade de praticar o distanciamento social e isolamento tem causado desconstruções no modo de estabelecer relações e perceber as cidades.

Lefebvre (1968) discute o direito à cidade numa perspectiva de amplitude em que pode ser considerada muito mais do que a liberdade individual para acessar os recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos, mudando a própria cidade. Não se trata, assim, de um direito individual, uma vez que esta transformação depende, inevitavelmente, do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização.

Jacobi (1986) aponta que o direito à cidade representa, acima de tudo, pensar uma cidade democrática, uma cidade que rompa as suas amarras com o passado.

Ambos os autores transferem um sentido de exprimir uma universalidade no pertencimento em ocupar à cidade, de modo que a negação do direito à cidadania implicaria na negação de todos os demais direitos.

Tais perspectivas recortadas pelos autores são percebidas pela maneira como as cidades passam a ser planejadas, pela distribuição espacial de equipamentos e do próprio capital, sendo capazes de revelar, assim, uma série de conflitos subjacentes. O mais evidente deles, e que elenca uma condição de contraste entre a cidade antiga e a cidade nova, é aquele que se dá entre o valor de uso e o valor de troca (LEFEBVRE, 1969).

As imagens que representam a capital baiana estão habituadas ao enredo das festividades, ao encontro, às aglomerações. Em 2020 não houve festejos de São João na Bahia, nem o emblemático 2 de Julho com seus ritos históricos carnavalescos movimentando a multidão pelas ruas de Salvador. Pela primeira vez em 197 anos (TV BAHIA 2020), não foram realizados o tradicional cortejo cívico e a apresentação de grupos folclóricos ou culturais pelas ruas da capital baiana.

O Dois de Julho era a primeira festa cívica da Bahia oitocentista, muito mais importante do que o Sete de Setembro e os outros feriados imperiais, abolidos pela República em 1889. Um complexo conjunto de ritos tanto carnavalescos quanto didáticos, o Dois de Julho formava uma representação coletiva da sociedade baiana na qual os habitantes da cidade se classificavam por origem nacional, classe e raça. A festa demarcava uma identidade baiana em oposição a duas grandes outras — portuguesa e africana —, mas também destacou diferenças de classe e raça dentro da sociedade baiana. (KRAAY, 2000, p. 47)

A cidade de Salvador tem sido representada desde muito tempo pelas imagens de fé e alegria. A multidão se reúne para tecer o imaginário simbólico dos encontros, dos festejos, da multiplicidade cultural, principalmente pela pluralidade religiosa fruto da miscigenação oriunda dos processos coloniais. Para tanto, cabe observar a silhueta da cidade descrita por Jorge Amado (2002).

Vem, a Bahia te espera. É uma festa e é também um funeral. O seresteiro canta o seu chamado. Os atabaques saúdam Exu na hora sagrada do padê. Os saveiros cruzam o mar de Todos os Santos, mais além está o rio Paraguaçu. É doce a brisa sobre as palmas dos coqueiros nas praias infinitas. Um povo mestiço, cordial, civilizado, pobre e sensível habita essa paisagem de sonho. Vem, a Bahia te espera (AMADO, 2002, p. 13, 42ª edição).

Salvador é um convite. E como dizer para uma cidade inteira que já não é permitido cantar os festejos e que repentinamente é necessário se vestir de distâncias e ausências? Os artistas baianos, até os mais reservados, estão aderindo aos chamados da era digital para preencher os palcos domésticos com música, cor e poesia.

Para Silva (2001) ver, cheirar, ouvir, passear, deter-se, recordar, representar são atributos que devem ser considerados em cada cidade. Porém, não qualquer cidade, mas aquela vivenciável, isto é, uma coleção de fragmentos de lugares vivenciados, percebidos por meio da sociabilidade humana dentro das relações interativas entre indivíduo e cidade.

Sendo assim, a cidade se desdobra nas percepções das coisas vivenciáveis. As experiências costuradas na trama urbana sugerem a criação de um tecido amplo de retalhos que vão sendo interligados à medida em que as relações são experienciadas longe de contenções de engessamento, dispondo-se em flexibilidade e multipluralidade.

Entretanto, Foucault (1984) menciona a constituição de uma *medicina social*, que propõe o controle do corpo social, especialmente das massas urbanas potencialmente sediciosas. Isso significa que as intervenções urbanizadoras que visam conferir uma forma à cidade, contém, em si, um projeto de gerenciamento do urbano em sua totalidade (PESAVENTO, 2002).

Fernandes (2005) aponta que as intervenções de caráter urbanizador vêm buscando promover, para além da estética ou da funcionalidade da cidade, uma ordem urbana capaz de regular os fluxos, de separar os grupos sociais e de reafirmar a condição hegemônica de determinados grupos sociais na produção do espaço urbano. Levebvre (1969) chama de *destruição da urbanidade*, ou seja, da eliminação do sentido de encontro, de festa, de pluralidade da cidade por parte dos setores dominantes.

Contudo, a sociedade foi submetida a uma circunstância indiscriminatória em que o novo vírus não seleciona cor, gênero ou classe, todos estão suscetíveis às ameaças da doença, basta que ocorra a contaminação pelas gotículas expelidas pela boca ou nariz em uma interação direta ou indiretamente (OMS, 2020). É evidente que os setores dominantes dispõem de artifícios e prioridades distantes da realidade das classes menos favorecidas.

De acordo com IBGE (2019), cerca de 18,4 milhões de brasileiros não recebem água encanada diariamente. As medidas protetivas adotadas pela Organização Mundial da Saúde (2020) estão diretamente vinculadas a uma maior atenção à higienização. Com isso, controlar a disseminação viral de um modo geral se desdobra numa complexa problemática, em ambientes que não possuem recursos básicos para a sobrevivência, como o acesso à água potável, torna o contexto ainda mais difícil.

Todos os mecanismos para enfrentamento da recente doença precisaram ser criados à medida em que as consequências se alastravam pelas cidades. O governo baiano, após meses enfatizando a importância do isolamento social como a medida mais importante ao combate da doença, contabiliza perdas consideráveis enquanto busca diariamente novas medidas para amenizar os problemas causados até o momento. O modo de encarar e de viver a cidade têm sido modificados para atender as demandas impostas por um perigo invisível.

Apesar da presença de um vírus recém-descoberto, o enfrentamento pandêmico não é um cenário novo para os soteropolitanos, em 1918 a cidade de Salvador viveu a chegada da histórica gripe espanhola. Souza (2005) aponta que quando a gripe espanhola aportou na Bahia, ali reinava um clima de insatisfação, conflito e insegurança gerado por fatores como as disputas de poder entre as diversas facções políticas; a crise financeira do estado; a carestia e a pobreza generalizada; as greves; as transformações urbanas que desalojaram grupos sociais inteiros, sem, no entanto, dotar a cidade de uma estrutura sanitária satisfatória.

Certamente, a gripe espanhola promoveu demandas condizentes ao cenário presente naquela época, assim como é possível presenciar questões relacionadas ao momento atual, o que gera questionamentos tendenciosos sobre como a população tem se aliado à tecnologia para enfrentar as diversas consequências geradas pela pandemia contemporânea. As instituições educacionais buscaram aplicativos on-line para transmitir aulas, as redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *WhatsApp* nunca estiveram tão congestionadas, o modo de criar e promover entretenimento tem sido pensado nas vivências domésticas.

Boyd e Ellison (2007) apontam que sites de rede social permitem aos indivíduos construir perfis públicos ou semipúblicos dentro de um sistema fechado, elencar outros usuários com os quais pode compartilhar conexões, ver e pesquisar as listas de conexões destes, bem como aquelas feitas por outros usuários dentro do sistema. Nessa esfera, o uso desses adventos dinamizou o modo como as pessoas têm se relacionado, principalmente durante este período em que as distâncias são cultivadas como meio de sobrevivência, visando também o bem coletivo. As conexões virtuais foram utilizadas no intuito de amenizar as ausências.

A literatura contemporânea tem se desdobrado em tecer enredos confiáveis que consigam acompanhar a ordem dos acontecimentos, à medida que os próprios escritores experimentam tais circunstâncias. Além da responsabilidade em aferir fatos históricos memoráveis, o imaginário poético tem sido moldado pela dinâmica contraída em espaços fechados, ao mesmo tempo em que busca expandir seus atravessamentos lapidados pelos noticiários.

Nesse contexto, sendo a crônica responsável por abordar diálogos entre o autor e suas visões construídas no meio vivenciado, as narrativas sobre as cidades têm aparecido por meio de vislumbres sobre os acontecimentos dessa contemporaneidade inusitada que se estabeleceu sob o mundo.

Como dito anteriormente, as plataformas digitais têm sido um importante meio de veiculação das narrativas contemporâneas, e com as restrições estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (2020) sobre o distanciamento social, escritores têm expressado suas perspectivas e vivências experimentadas no isolamento aliados ao uso dessas tecnologias.

A escritora baiana, Lorena Grisi (2020, no prelo), tem relatado em suas crônicas situações corriqueiras revisitadas por olhares adaptados às novas demandas sociais, em um de seus textos, retrata as perspectivas de pessoas se manifestando no *Facebook* sobre o que fazer após o fim do isolamento social, os desejos vão desde uma oportunidade de abraçar os amigos no bar, encontro com os avós, até aos *flâneurs*¹, saudosos por andar pelas ruas de Salvador, que tem vivido seus festejos de modo silencioso e sutil, tudo muito cauteloso e introspectivo, amplificando sensibilidades dentro desse imaginário coletivo antes edificado em festividades, barulho, calor, memória e temperos fortes de uma cidade assistida agora pelas janelas, sejam essas virtuais ou dispostas no concreto das paredes domésticas.

A autora mostra uma relação íntima com a cidade enquanto retrata recortes de sua antiga rotina no trânsito intenso de Salvador, sem desprezar uma essência nostálgica em seu discurso, aborda os trâmites tecnológicos utilizados para desassociar a necessidade de aglomerações festivas, percorrendo narrativas sobre o uso das redes sociais em um impulso que beira o desespero dos indivíduos em estabelecer qualquer contato que seja com o calor humano limitado pelas telas apáticas.

Contudo, desde que começou esse período, que supostamente nos ofertaria uma economia de tempo (não tenho que ficar engarrafada na Avenida Jorge Amado, não tenho que limpar as lentes de contato), parece que uma nova disposição das vinte e

¹ Entende-se por comportamento de flâneur a forma sensível de caminhar pelas ruas da cidade, atendo-se à cidade como um texto, interpretando a todos e a tudo que forma o cenário urbano. Esse método, praticado por Baudelaire, foi a principal fonte de inspiração para Walter Benjamin apreender a modernidade, a partir de um caráter de novidade e transitoriedade presentes nas grandes metrópoles do século XIX (ZILMERMANN, 2016).

quatro horas do dia foi realizada, tendo como referente não mais o nascer e o pôr do sol, mas os horários desse novo fenômeno contemporâneo da era pandêmica: as *lives* do Instagram. (GRISI, 2020, p.2).

Com isso, que mecanismos têm sido adotados para olhar Salvador por essas novas lentes? Como a cidade tem se desdobrado dentro de suas representatividades revisitadas por novas perspectivas? Os hábitos citadinos foram suprimidos enquanto atravessados pelo cenário pandêmico.

Para aqueles que puderam permanecer em suas casas e cumprir com o isolamento, a busca voltou-se por experimentar as ruas explorando os espaços internos, mas sem dispensar o uso frequente dos apetrechos tecnológicos como se fossem uma espécie de ponte, conexão o que era conhecido rotineiramente e que agora tem sido traduzido por inadequações, como um simples contato aos encontros urbanos.

Fui à feira. Primeiro torci para que estivesse vazia, para que o sentimento de culpa que me consumia houvesse acometido outros indivíduos de maneira mais peremptória e que, eles, sim, cidadãos de alto caráter moral, optassem por ficar em casa. (GRISI, 2020, p.1).

Nesse sentido, a autora recorta uma prática comumente aos hábitos soteropolitanos, ir à feira², mas que agora tem sido considerada inadequada diante dos acontecimentos catastróficos gerados por um alto número de contaminação em curto período. No mês de maio a jornalista Marina Silva escreveu para o Jornal Correio sobre a situação pandêmica na feira de São Joaquim, que até o momento permanecia aberta.

A feira que se tornou a mais importante de Salvador foi se transformando com o passar do tempo e agora vive mais uma grande mudança na sua rotina. Durante a pandemia de coronavírus, os sorrisos deram lugar às máscaras e o vai e vem de gente entre barracas foi, aos poucos, diminuindo por conta do isolamento social. (SILVA, 2020)

De acordo com Rubim (2008), a Bahia pode ser designada por meio de sua fixação no imaginário social, de traços identitários resistentes, que a concebem e reiteram como o centro ancestral, como o lugar natural do acolhimento, do trânsito, da troca, da mistura.

² O governo baiano estabeleceu medidas restritivas para frear a circulação de pessoas nos lugares de maior concentração popular, como fechamento do comércio local, redução de transportes públicos, entre outras. As medidas buscam reduzir o aumento progressivo dos casos de contaminação e evitar uma superlotação nas redes de saúde, com isso, impactos negativos na economia também tem afetado a população.

Com isso, era de se esperar que o cidadão baiano não soubesse caminhar por distâncias, o soteropolitano menos ainda. Cultivamos os hábitos dos encontros, perpassamos pelas conjecturas sociais enquanto conjugamos abraços e burburinhos festivos.

Nessa perspectiva, ainda retratando sua experiência na feira no centro da cidade de Salvador, Lorena Grisi (2020, no prelo) tece um retrato fidedigno do próprio cidadão baiano ao deparar-se com recomendações para manter-se distante, isolado, higienizado.

A cada ilustração que eu tocava na feira, me perguntava se quem a tocou antes de mim teria coronavírus. Uma amiga que vendia livros só deixava as pessoas tocarem os exemplares de seu stand depois de assepsia com álcool gel. Ela me ensinou um cumprimento que os europeus têm adotado em que, ao invés de abraços ou apertos de mão, tocam-se os cotovelos. Usei esse cumprimento com ela, mas esqueci dele cinco minutos depois e já estava abraçando todo mundo que eu encontrava. Muitos amigos queridos e somos todos baianos. O coronavírus vai fazer um carnaval em Salvador e a culpa é de gente como eu. (GRISI, 2020, p.1).

As relações festivas estabelecidas na cidade de Salvador dinamizam o modo como os soteropolitanos se relacionam com os espaços. Para Regina (2013) as festas populares de rua ou “celebrações coletivas” tem potencial simbólico incomensurável, pois, “[...] as celebrações coletivas são poderosos marcadores de espaços e instituidores de lugares e territórios aos quais memórias, sentimentos de identidade e de pertencimento estão associados”.

As festas subvertem a ordem da tradicionalidade das rotinas nos espaços públicos. Carvalho (2016, p.8) destaca “[...] o compromisso que a festa tem com o próprio espaço [...] a festa é um rito transfigurador de apropriação da cidade de Salvador”.

O carnaval, mundialmente conhecido, ocupa posição de destaque no cenário de manifestações culturais. Cabral (2013) aponta que o evento baiano, caracterizado por seus trios elétricos, é igualmente responsável pelo lançamento de diversos artistas locais e pela consolidação de uma indústria de entretenimento que articula ampla cadeia de fornecimento de pronunciada importância, tanto para a dinamização da economia local como para a própria cultura baiana.

Por meio de tal perspectiva, impor a condição de permanência doméstica à população baiana, seria mais simples se não fosse uma condição estabelecida por ordem fatídica, o dever de ficar em seus lares criou uma esfera espessa de ansiedade e incertezas. E ainda há aqueles que escapam esporadicamente, não aguentam mais, dizem. Para cada um desses surgem outros com narrativas morais e éticas, mas já é conhecido de que no íntimo, todos estão buscando o movimento das ruas de Salvador com grande saudade.

Que esse vírus descubra logo que o ser humano não vale a pena, vá embora como veio e fiquemos todos bem. O que eu farei quando esse momento de doença real e de exaustão virtual passar, quase comento na postagem do Facebook, mas hesito: vou tirar férias no setor onde trabalho, tomando café ruim e sofrendo com tendinite. (GRISI, 2020, p.2).

Nessa perspectiva, Liliane Vasconcelos (2018) afirma que por mais complicada que possa parecer, a urbe exerce um fascínio inevitável, não somente por despertar o desejo de compreender o momento atual, como também por seu papel como pedra de toque no desfile da complexidade humana.

Perceber a cidade pelas lentes de uma crise sanitária compõe uma rede de incertezas, entretanto, não há indivíduo que ainda não tenha proferido, mesmo que timidamente, o discurso sobre todas as coisas que pretende fazer “quando a pandemia passar”, remetendo, assim, ao imaginário da saudade.

Pereira (2019) menciona que ao abordar o vocábulo “saudade” através de seu aspecto linguístico e semântico, é possível perceber que esta palavra pode ser concebida como um signo revestido de particularidade cultural e histórica assim como lhe atribui significado sentimental universal e humano. Para a autora, esta intenção de construção enaltecida da particularidade cultural da saudade, cria e reforça uma narrativa da palavra e, com esta narrativa, um sentimento coletivo de orgulho e pertencimento.

Por meio desta esfera, a subjetividade da saudade foi o tema escolhido pela Prefeitura de Salvador através da Secretaria de Cultura e Turismo (Secult), que lançou a campanha “Uma saudade chamada Salvador”, protagonizado pela artista baiana Larissa Luz e dirigido pela Mandinga Filmes, composta por uma reunião de lembranças sobre o imaginário simbólico baiano.

A produção revela fragmentos da cidade de Salvador sob uma ótica afetuosa, enquanto aborda memórias das representações socioculturais da cidade. No curta metragem é possível perceber a ânsia cultivada por meio dos encontros, o modo introspectivo como as pessoas têm se relacionado com a cidade durante o período de isolamento, mas sem perder as texturas do movimento, do cheiro, da cor, e calor que só a cidade de Salvador se predispõe a oferecer.

[...] “Saudade do calor.” Você tá sentindo isso? “Eu não vejo a hora de voltar. Pegar a estrada, me jogar no mar. Bater perna no pelô.” Gente que mora longe. Gente que mora aqui. Gente que nem conhece, sente. Você tá sentindo? O cheiro do acarajé, do nada, subindo, invadindo a memória. Isso é coisa de quem tem história. Você tá sentindo? Porque eu tô. E eu sei o que é isso. Isso é saudade. Uma saudade chamada SAL-VA-DOR. (LUZ, Larissa, 2020).

Para Albuquerque (2001) a saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo espaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda

uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos do seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história.

Por meio de tal perspectiva, o vídeo evoca a abordagem em que a saudade tece narrativas sensoriais de vivências percebidas na cidade, e que foram envolvidas por uma esfera de reclusão, considerando as normas restritivas adotadas com a pandemia.

Segundo Soares (2003) viver a cidade é também perceber as alterações na fisionomia urbana, nas relações sociais, de trabalho, na vida cotidiana, como também dos impulsos modernizadores que sacodem a paisagem urbana. Transformações que põem em xeque construções identitárias e ameaçam as velhas hierarquias, passíveis de serem observadas no próprio itinerário desse olhar, que vai deslizando de uma posição eufórica e ufanista para um sentimento progressivamente marcado pela disforia.

Apesar de todos os obstáculos recém-descobertos, o cidadão soteropolitano cultiva, com barulho moderado, a esperança de poder integra-se aos reencontros perpetuados no coração de uma Salvador saudosa e ansiosa por movimentar-se mais uma vez no calor, nos temperos fortes do tabuleiro da baiana, nas praias atraentes, na alegria de um povo que não sabe apenas como fazer a festa, o próprio povo e a própria cidade são traduzidos em festa.

3 CONCLUSÃO

As circunstâncias contemporâneas permeiam uma onda de pavor, incertezas e esperança. Tornando o cenário ainda mais espesso. As cidades não foram projetadas para o silêncio e ausências, pelo contrário. As cidades norteiam movimentos, dinâmicas flexíveis entre ser, estar e perceber-se na urbe. A própria essência cidadina é moldada pela movimentação dos transeuntes, pelos encontros, pelas multidões e ralações estabelecidas.

Encarar uma crise sanitária tem sido desafiador para o século atual, o governo de Salvador tem buscado mediações para manobrar os obstáculos oferecidos pela crise, o isolamento (para quem tem podido cumprir) tem afetado o modo como as pessoas se relacionam com a cidade e com elas mesmas.

No vídeo "Uma saudade chamada Salvador" notou-se a ânsia refletida na silhueta saudosa do povo baiano. Não há quem ainda não tenha reclamado sobre a saudade que está da rua, da vida, do movimento fora das paredes de casa. Os apetrechos tecnológicos anestesiam a vontade de estar presente, mas é de comum acordo que não há conexão on-line que comporte o contato humano, o calor dos encontros, os festejos de um povo que nunca aprendeu na prática sobre os afastamentos.

O uso das conexões virtuais se intensificou à medida em que as ausências foram enfatizadas, sendo possível perceber que as representações do imaginário coletivo têm sido revisitadas pelos novos

mecanismos de encontrar a cidade, mesmo que seja através de uma tela digital. Com isso, a cidade de Salvador tem fomentado mediações introspectivas e saudosas, as festas silenciadas, os encontros adiados, tudo projetado para fundamentar a imagem de um futuro aguardado em brevidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2ª edição. Recife: FJN, Ed. Massangana, 2001.

AMADO, Jorge. **Bahia de todos os santos** - guia de ruas e mistérios. 42. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2002.

BONFIM, Carlos. Olhares sobre a cidade: humor e crônica urbana. **Leitura**, v. 1, n. 37-38, p. 15-27, 2019.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 11, article 11, 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

CABRAL, Sandro; KRANE, Dale; DANTAS, Fagner. A dança dos blocos, empresários, políticos e técnicos: condicionantes da dinâmica de colaboração interorganizacional do carnaval de Salvador. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, p. 145-163, 2013.

CARVALHO, M. J. **A Cidade efêmera do carnaval**. Salvador: Editora da UFBA, 2016.

FERNANDES, Fernando Lannes. Os discursos sobre as favelas e os limites ao direito à cidade. **Cidades, Presidente Prudente**, v. 2, n. 3, p. 37-62, 2005.

GRISI, Lorena. **Hoje o coronavírus chegou a Salvador**. De tarde, fui à feira. 2020.

GRISI, Lorena. **Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva**. In: CARVALHO, Fabio et al. (Org.). Boa Vista – RR: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020. Disponível em: <https://ufr.br/editora/index.php/editais?download=451>. Acesso: 16 abr. 2021.

GRISI, Lorena. **Quando o isolamento social acabar**. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Contagem da população**. 2019. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

JACOBI, Pedro. A cidade e os cidadãos. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 2, n. 4, p. 22-26, 1986.

JESUS, Liliane Vasconcelos de. **Salvador entre o texto e a tela: imaginários da cidade contemporânea**. 2018. Tese (Doutorado em Letras, na área de concentração Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura). Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura - Universidade Federal da Bahia, 2018.

KRAAY, Hendrik. Entre o Brasil e a Bahia: as comemorações do dois de julho em Salvador, século XIX. **Afro-Ásia**, n. 23, 2000.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. Trad. T. C. Netto. São Paulo: Editora Documento, 1969.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. Covid-19, Painel Coronavírus. 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 5, n. 1, p. 115-123, 1998.

OMS. Organização Mundial da Saúde. 2020. **Medidas Protetivas Covid-19**. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

REGINA, Maria Emília; DE SOUSA CHECCUCCI, Erica. Cenário de festas de largo em Salvador: da expressão cultural à padronização. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 11, n. 3, p. 232-258, 2019.

RISÉRIO, Antonio. **Mulher, casa e cidade**. [S.l.]: Editora 34, 2015.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; RAMOS, Natália. **Estudos da cultura no Brasil e em Portugal**. EDUFBA, Brasil, 2008.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade do Salvador**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, p. 56-63, 1959.

SECULT; LUZ, Larissa. Prefeitura de Salvador. **Uma Saudade Chamada Salvador**. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/EzQ3FkWRnWw>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Col: Convênio Andres Bello, 2001.

SILVA, Marina. Jornal Correio. **Feira de São Joaquim na pandemia**. 22/05/2020. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/feira-de-sao-joaquim-na-pandemia/>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja**. Salvador: EDUFBA, 2003.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. The Spanish flu in Salvador, 1918: city of alleys and tenements. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, n. 1, p. 71-99, 2005.

TV BAHIA. **Celebração ao 2 de Julho em Salvador tem ato simbólico de autoridades e flores em estátua de Labatut**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/07/02/sem-presenca-do-povo-celebracao-ao-2-de-julho-em-salvador-tem-imagens-dos-caboclos-e-flores-em-estatuade-labatut.ghtml>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

ZIMERMANN, Giovana; PECHMAN, Robert M. Por um urbanismo lúdico e afetuoso. **E-metropolis**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 24, p. 63-64, mar. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/tfCI54>>. Acesso: 26 jul. 2020.